

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

| Moeda forte | PORTUÇAL E COLONIAS | Francos de posto |
|------------------------------|---------------------|-----------------------------------|
| Anno ou 24 numeros | 26000 | Trimestre ou 8 numeros 6050 |
| Semestre ou 12 numeros | 13300 | N.º avulso ou pago à entrega 3120 |

ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

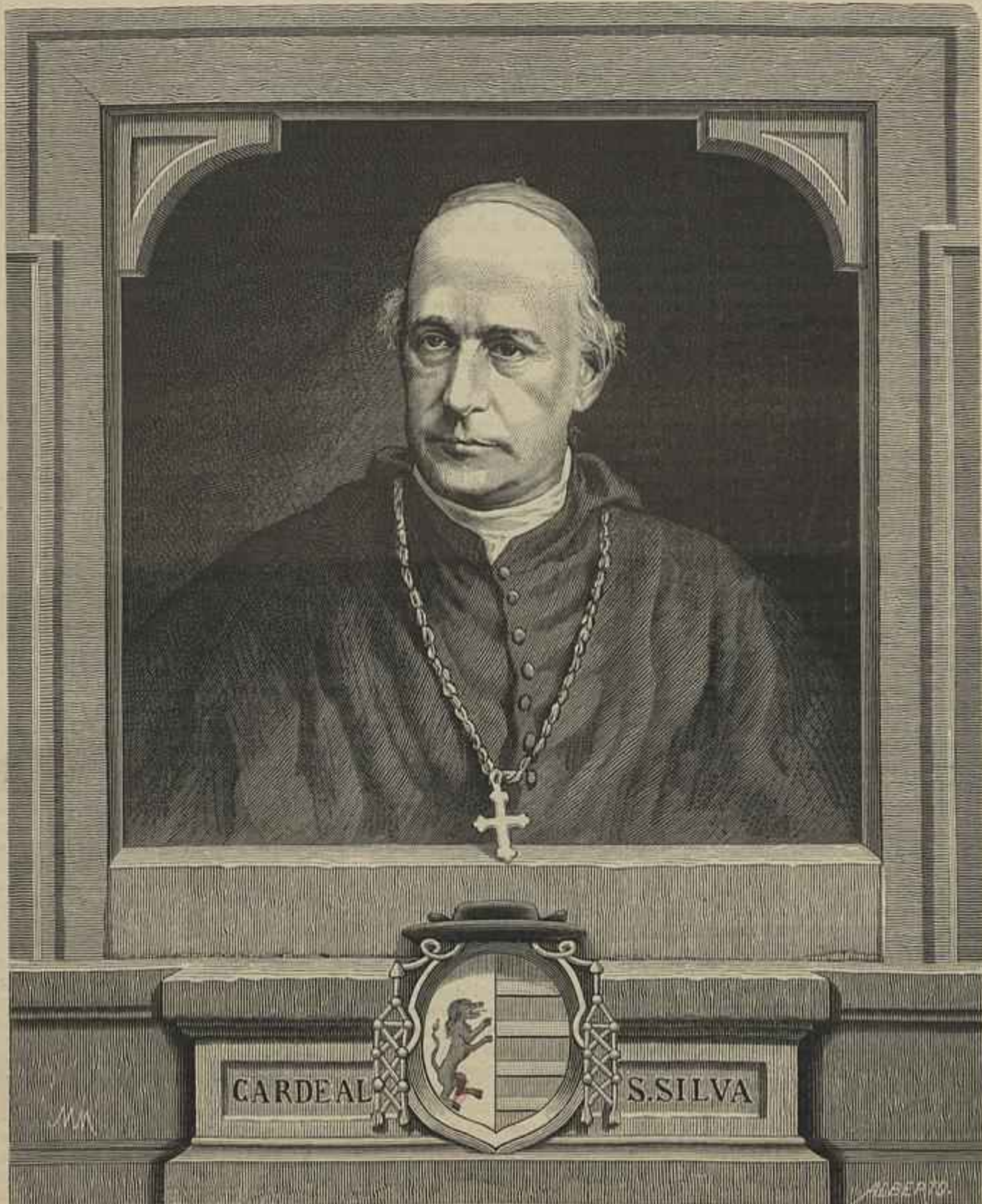
| | | |
|--------------------------|-------|-----------------------------------|
| Anno ou 24 numeros | 24000 | Semestre ou 12 numeros 12500 |
|--------------------------|-------|-----------------------------------|

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 36

15 DE JUNHO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOBETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves



S. EM.º O CARDEAL D. AMERICO FERREIRA DOS SANTOS SILVA, BISPO DO PORTO — Nomeado Cardeal no consistorio de 12 de Maio de 1878.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — S. M. a Rainha D. Maria Pia, VISCONDE DE BERALCAMPOR O NOVO ministerio portuguez, M. — As NOSSAS gravuras — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elyas, BRITO REBELLO — O romance d'um drama, SERGIO DE CASTRO.

GRAVURAS. — S. em.^a o cardeal D. Americo Ferreira dos Santos Silva, bispo do Porto — A cerimonia da imposição do barrete cardinalicio, celebrada na capella do palacio d'Ajuda em 1 do corrente — Novo ministerio portuguez — Chogada ao Tejo do yacht «Miramar», conduzindo SS. AA. os principes Rodolpho d'Austria, e Leopoldo da Baviera em 2 do corrente — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha quinze dias apenas que um ministerio resvalou no pó dos tumulos e não falta já quem ache velho o que lhe succedeu! Ó fantasia humana como tu és insaciavel! Nem já te contentas com um ministerio por quinzena!

Em quanto o minotauro popular vae pois triturando os ossos da situação que um dia, mais cedo ou mais tarde, entregará os esqueletos dos seus ginetes de correio a outra que se proponha salvar-nos definitivamente, embuquemos nós a trombeta do folhetim evocando os factos dos ultimos quinze dias a fim de ver se n'este valle de Josaphá da primeira pagina se reúnem casos sufficientes para constituirem uma chronica de dimensões condignas.

— O torrãozinho patrio acha-se em fim, ermo de principes. O de Monaco, o ultimo na data da chegada e no tamanho do principado, esse mesmo acaba de partir, depois de receber d'este povo que mal teve tempo de dar por elle, a homenagem d'uma contradaça no paço dos seus reis, pequena consolação aliás para quem depois de soffrer tantas e tantas zombarias das tempestades no seu yacht *Hirondelle*, vê fugir-lhe, quasi ao mesmo tempo, a consorte e a tripulação do navio!

Decididamente está com azar sua alteza! Do mesmo mal se queixarão a estas horas muitos pontos na sua pequenina côrte de Monte Carlo.

Seria entretanto uma transição demasiadamente brusca, se depois de passarmos quinze dias na companhia de principes, passassemos de repente a não ver nenhum.

Ora a Providencia que é uma carinhosa mãe lembrou-se n'estes extremos de nos consolar enviando a princeza Rattazzi que é — digamol-o sem offensa a tão amavel e distincta senhora — meia doze de costella real; ou por outra, meia doze de costella para entreter a debilidade.

Os famintos d'altos personagens no que elles tem de mais fascinante, as sintillações do diadema e a espuma do Champanhe, devem pois mais uma vez dar graças á Providencia, munindo-se ao mesmo tempo de violetas e d'um saca-rolhas.

— Serpa Pinto o audacioso viajante, chegou, depois de fazer a travessia d'África com o arrojado de que muitos não se sentem capazes tratando-se de fazer a do Alemtejo, caçando aves-truzes nas solidões do deserto com uma serenidade só comparavel áquella com que alguns caçam gallinholas nas solidões do Alentejo.

Não faltará agora quem, no seio das familias, se proponha a fazer a critica do cometimento, julgando-se capaz de muito mais, e scepticos haverá até que descreiam dos dois leões mortos com que o arrojado viajante deu entrada em Pretoria, pois que realmente, em materia de feras, ha muita gente que não vae além do lobo morto pela mulher de Castello de Vide. Entretanto o que é certo é que, desde esta data, temos um nome para oppôr aos de Cameron e de Stanley que o mundo explorador nos está ali constantemente arremessando ás faces!

Oh, quando a gente se lembra que em Portugal, no seculo XIX, é tão facil erguer-se um

homem ás mais altas proeminencias fazendo caminho pela alfandega do consumo: quando a gente pensa que para ter o peito constelado d'astros basta esperar com resignação sentado nos *fanteuils* da casa Havaneza, quando a gente recorda que para ter um hymno basta estar relacionado com uma pessoa que toque piano, consola realmente ver um homem moço que ainda se deixa seduzir pelas fascinações da gloria, e que podendo subir ao posto de major acompanhando Nosso Pae aos entevados, prefere conquistar os seus galões procurando as origens ignoradas dos grandes rios africanos, lutando com as tribus d'antropophagos em vez de discutir os destinos do mundo n'uma pharmacia do Rocio!

Eis o motivo porque a personalidade de Serpa Pinto, quaesquer que sejam os resultados definitivos da sua arrojada viagem, se impõe desde já com o seu perfil acentuado no meio da santa parranice nacional, extremamente espantada de que haja um homem que se atreva a ir viajar por caminhos que ainda não estão calçados a macadam, de mais a mais sem ainda haver deligencia para aquelles sitios!...

— As instituições deram ha tres dias precisionalmente, a sua volta annual do costume, sahindo da Sé pela rua dos Capellistas fóra, e recolhendo com a mesma gravidade pela rua dos Retrozeiros, entre o respeito dos srs. logistas em chinelos, postos em socego nos seus balcões de sacada, e a tropa em alas perfiladas ao longo dos arruamentos. Foi uma cerimonia cheia de profundo respeito e d'alguns espirros significativos em homenagem aos pretos que abriam o cortejo.

Queixaram-se os jornaes da parcimonia de commendadores e dignatarios que se notou ainda este anno na procissão, não obstante o sortimento mensal que os governos não se tem nunca descuidado de fazer d'este genero, tanto para consumo das varas dos palios e das ceremonias religiosas, como das *soirées* e outros pas-
satempos civis.

É todavia certo que os commendadores das variadissimas ordens se retraem a ponto de ser necessario d'aqui a pouco ameaçal-os com a cadeia, ou então alugar mantos no Cruz e fingir altos dignatarios do estado com praças de pret do exercito.

Isto assim não pôde continuar. As familias da rua dos Fanqueiros reclamam, com toda a razão, mais commendadores atraz do palio, e se os poderes publicos não tratam de satisfazer a tão justo clamor da baixa, para o anno que vem já ninguem se atreve a convidar familias para sua casa. O homem de ferro não basta: é necessario tambem alguns cavalleiros professos!

— Reviveram as noites do passeio publico no toque magico da batuta de M.^{me} Amann, que acaba, enfim, de despertar do somno em que jaziam no seu leito de limos, os dois casaes de cysnes que, por si só, constituem toda a gloria ornithologica do municipio lisbonense. Ainda ha dois dias uma camara municipal do reino, movida por loucas ambições, veio impensadamente reclamar cysnes á de Lisboa que, incontinentemente, como era do seu dever e brío, lhe respondeu que não.

Se tinha sêde de cysnes que os arranjassem conforme podesse. Os do passeio publico apenas chegam para consumo da sensibilidade da baixa, e o senado da capital não pôde esbulhar os pianos, seus constituintes, do que elles tem de mais precioso em aves de penna!

Se a camara de Setubal deseja dotar o municipio com similhante *melhoramento* que pouha a concurso os logares de cysnes que reputar necesarios aos interesses do concelho. D'outra fôrma é impossivel ohtel-os.

Como ia dizendo, M.^{me} Amann continua no passeio publico os triumphos que a musica d'instrumental soube este anno ganhar em Lisboa. De mais, o passeio velado pelas sombras da noite, cortadas apenas de longe em longe pela claridade indiscreta e bruxuleante d'um ou outro candieiro de gaz, convida muito mais á melancholia do que os Recreios com o

aspecto burguez das suas luminarias d'arraial! Não admira pois que, seduzido por todos estes attractivos, tanto pela terna soledade do recinto, como pela meiga serenidade da regente da orquestra, o caprichoso publico volte aos velhos amores d'outros tempos, com quem aliás nunca deixou d'entreter discretas relações d'amisade, nos dias santificados — depois da missa.

— A febre de publicações parece ter diminuido um quasi nada. Entretanto, diante de mim tenho n'este momento os primeiros numeros de dois jornaes que se me afiguram interessantes. É um delles a *Revista de Coimbra*, de que é redactor principal o dr. Correia Barata, professor de grande aptidão litteraria e d'uma solida educação scientifica, e que se propõe reunir n'um escolhido cenaculo, como a *Folha* de grata memoria, todas as nascentes vocações da universidade. Verdade seja que este numero já traz alguns escriptos firmados por nomes que representam mais alguma coisa de que as taes *nascentes vocações* a que me referi, entretanto alguns outros se manifestam apenas como revelações lisongeiras e extremamente promettedoras — como era justo que succedesse.

A outra folha intitula-se *Antonio Maria!* É illustrada por Boddallo Pinheiro e só isto por si, constitue a melhor recommendação que d'ella possamos fazer. Boddallo Pinheiro é já conhecido dos leitores do OCCIDENTE aonde ainda hoje nos dá uma pagina illustrada pelo seu gracioso lapis. Basta que elle continue no *Antonio Maria* a pittoresca galeria do *Besouro* do Rio de Janeiro, para em pouco tempo ter dotado o seu paiz com a *photographia* mais exacta que por ventura tenha sahido dos *ateliers* contemporaneos.

A uma folha que se chama *Antonio Maria* cabem responsabilidades tremendas!

Mas fico por fiador d'ella.

GUILHERME D'AZEVEDO.

S. M. A RAINHA D. MARIA PIA

Era a 6 d'outubro de 1862. Um dia formoso d'outono. Corriam pelo ar fremitos alegres.

A aragem fresca brincava no Tejo com as innumeras flammulas e bandeiras das naus inglezas e italianas, cortejo da joven princeza de Saboya. A sr.^a D. Maria Pia ia desembarcar, pisando pela primeira vez o solo de Portugal.

Ao pôr pé em terra para percorrer a curta distancia do Caes das Columnas até ao Terreiro do Paço, pôde affirmar-se que a adolescente filha de Victor Manuel, de quinze annos incompletos, surgia diante dos olhos da multidão deslumbrada, como a visão mais graciosa que se poderia idealisar n'um sonho de mocidade.

Havia n'ella a frescura das primaveras. Do seu ar juvenil exhalava-se o casto perfume da flôr da laranjeira. Os candidos véos dos espon-saes que lhe fluctuavam em redor; a limpidez azul do olhar, aonde se espelhava a innocencia; a alvura transparente da tez; os seus cabellos louros finos, ondeados e abundantes, como os das mulheres formosas do Ticiano, a moldurarem-lhe a fronte assombreada de uma nuvem tenue — a nostalgia talvez — que o sol dos poucos annos bem depressa interceptava; a distincção nativa do porte soberano, peculiar ás raças illustres e coroadas, a dar realce ao talhe flexivel e esbelto do corpo; a alliança de graça ingenua e de magestade real, que transluziam na gentilissima rainha, atraíram-lhe desde logo as sympathias, e ganharam-lhe os affectos do povo.

Nas recepções e saraus da côrte, que se seguiram ás nupcias, já trocada a grinalda de noiva pelo diadema regio, sob cujos esplendores radiava mais opulenta a formosura da esposa, a Senhora D. Maria Pia acabou de propiciar em seu favor os votos geraes. A aristocracia e as classes populares, prestando preito ás virtu-

des eminentes da nova soberana, confundiam-se ante ella n'um só côro de louvores, e cingiam-na com a corôa — raro concedida — do applauso unanime, ufanos de a possuirem entre si.

Mais do que amada, estremeçada por todos os portuguezes sem distincção de jerarchias, sem differença de opiniões partidarias, a sympathica rainha, que quasi n'um relance captivára a popularidade — sereia tão attrahente quanto perfida para aquelles mesmos que a affagam — tem visto crescer em volta do throno o amor dos subditos, á medida que os annos do seu reinado se succedem.

Contemplada na vida intima, a Senhora D. Maria Pia, entregue aos desvellos da educação moral dos principes, seus augustos filhos, que dirige com carinho temperado de razoavel austeridade, ou concentrada nas santas alegrias da familia, diffunde em redor da sua figura insinuante d'esposa e de mãe a luz tranquilla e vellada de meias sombras do lar, aonde as mutuas afeições do sangue se manifestam francas, mas sem alardo, no recato da felicidade domestica.

O tempo que pôde roubar a tão santos deveres, emprega-o a virtuosa rainha, cuja vida inteira se cifra na abnegação de si propria, em tarefas incessantes de caridade, ora protegendo a pobreza que recorre a ella como a sua mãe mais carinhosa, á sua Providencia mais sollicita na terra, ora animando com valiosos donativos as associações e institutos de beneficencia, já creando instituições utilissimas, bafejadas pelo sopro da mais fervente piedade, destinadas ou a amparar os primeiros passos da infancia desvalida, ou a recolher os velhos que tem por unico patrimonio a enfermidade e a miseria. Sob este aspecto, o reinado da Senhora D. Maria Pia é por si só um vasto monumento de caridade e d'amor.

No seio das tribulações que ha dois annos provaram tão cruelmente o reino, ninguém como a virtuosa Princeza coroada se ergueu entre nós a tamanha altura.

Durante esse periodo de desastres e de lutos, a sua imagem veste-se de luz, e illumina a tréva d'infórtunios, que a cercam, com a aureola santa de que se cinge a sua frente de rainha caridosa. N'esse transe tremendo, em que as povoações trepidavam em presença das desgraças que as feriam, e se confrangiam de terror divisando ao longe o espectro livido da fome, a caridade foi para a Senhora D. Maria Pia mais do que um sacerdocio, foi uma religião.

Foi ella quem pela actividade, pelo ardor infatigavel, pelo proprio exemplo, despertou nas classes abastadas os estímulos do bem; foi ella quem principalmente abriu os mananciaes fecundos da esmola.

Anjo da caridade lhe chamaram então por milhares de vozes os pobres e os famintos; e este cognome, em que se adivinha a espontaneidade do sentimento popular, ha de viver para sempre na tradição e na historia, unido inseparavelmente á memoria da excelsa Princeza, esmaltando-lh'a de brilho, e sagrando-lh'a com as apoteoses da posteridade.

Effectivamente n'essa quadra de recente e triste recordação, assim como em outras anteriores assignaladas pela dôr publica, a senhora D. Maria Pia foi incansavel no seu nobilissimo apostolado; e pertencem-lhe por direito de conquista as palmas que lhe conferiu a gratidão de tantos, que encontraram n'ella balsamo para as suas feridas, confôrto para as suas amarguras.

Agora mesmo, á hora em que escrevemos, a voz publica apregôa que sua magestade acaba de socorrer com o valioso donativo de dois contos de réis os operarios de Lisboa sem trabalho. Hoje, como hontem, enxuga á purpura do seu manto real os prantos dos desgraçados! Eis o seu timbre, eis o prazer da sua vida inteira, eis para ella o melhor galardão da sua santa caridade! Tão religiosa pelas crenças como contraria ás ostentações hypocritas, que mal disfarçam a tibieza da fé sincera, pratica o bem pelo amor do bem, sem vaidade, con-

tente apenas com a satisfação da propria consciencia.

A physionomia moral da illustre rainha, se tem por feições proeminentes a abnegação e a piedade, não é contudo isenta da nobre attivez da raça heroica de que descende.

Na chamma viva do olhar, na firmeza dominadora dos gestos, no erguer imperioso do busto e da frente, quando o perigo surge e se approxima, estampa-se-lhe a resolução do animo, proverbial nos principes da casa de Sabor.

Em 19 de maio de 1870, quando ao romper d'alva as tropas sublevadas formaram em batalha diante do paço real, e pouco depois se dispararam tiros e descargas de fusilaria, que infelizmente ensanguentaram a revolta, a Senhora D. Maria Pia, ao lado d'el-rei e dos principes ainda então na primeira infancia, sorria imperturbavel, vencendo pelo seu sangue frio a inquietação e o pavor que se desenhavam em alguns rostos circumstantes. Afrontando desdenhosa os apparatus marciais e o sibilar das balas, que partiram alguns vidros do palacio, a rainha, com o animo varonil das nossas antigas heroínas, acarinhava os principes, sem que por um só momento o susto lhe desbotasse a côr natural do rosto. No seu coração fortemente temperado para a lucta e para os perigos nunca penetrou o medo; e é este um dos contrastes d'aquella fina e superior organização, composta de docura e de força, d'attivez e de modestia, de resignação e de vontade.

Delicadamente intellectual, conhece, aprecia e sente os primores dos grandes poetas e dos grandes prosadores. Filha da Italia, d'essa patria eterna das artes, sobre a qual os genios da pintura e da escultura adejam como as pombas brancas de Virgilio, a sr.^a D. Maria Pia cultiva com paixão a arte de Canova, tanto quanto lh'o consentem os seus multiplos deveres.

Nos seus bustos e figuras, affirmam os competentes, que sua magestade imprime o cunho da semelhança e da verdade, fructo do estudo, aquecendo-os porém ao sopro do ideal artistico — a chamma interior do gosto e do talento.

Mas a obra predilecta de sua magestade é a chamada *Crêche da Rainha*. Esse edificio, risinho como a infancia, levantado em terras da corôa a expensas da Soberana, apregôa — mais alto do que todos os encomios — a indole moral de sua augusta fundadora, o seu fervor no bem, a sua sollicitude para com a infancia pobre.

Calcule-se que immenso brado de angustia não se levantou d'um a outro extremo do reino, quando em 11 d'abril ultimo correu de bôca em bôca que uma terrivel pneumonia dupla ameaçava de perigo imminente uma vida tão preciosa! A esta nova fulminadora, Lisboa, e apoz ella o reino em peso, corresponderam com as manifestações mais instantes, expressivas e dolorosas, em que podem desatar-se a anciedade e o luto dos corações. A doença da Senhora D. Maria Pia foi uma dôr nacional, que não teve treguas até que raiaram os primeiros arreboes das melhoras, retratando então o paiz inteiro a sua alegria e o seu affecto nas manifestações de jubilo com a mesma vehemencia, com que corraera aos templos a erguer preces fervorosas, a implorar a Providencia para que salvasse a augusta enferma.

Dissipadas as ultimas sombras, assegurada uma existencia tão querida, o contentamento geral ascendeu verdadeira exaltação. A rainha resurgiu para a vida e para a saude entre os transportes do Esposo e dos Filhos estremeçados, entre as bençãos do povo inteiro que a adora, radiosa d'esperança para os pobres e para os infelizes de que é mãe carinhosa, unigida, santificada pelo amor dos subditos — corôa immaterial que vale bem mais do que a que symbolisa o poder da realza, e que através das vicissitudes da sorte se firma inabalavel na frente dos monarchas, que tem a fortuna de cingil-a.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ

Anselmo José Braamcamp, *Presidente do conselho de ministros e ministro dos negocios estrangeiros*. — O sr. Anselmo Braamcamp representa na politica a um tempo pouco escrupulosa e em demasia toerante dos nossos dias um exemplo pouco vulgar; o de um caracter cuja inquebrantavel honradex, seriedade e coherencia politica é de todos acatada, respeitada e publicamente reconhecida por adversarios, como por amigos e indifferentes.

Caso ainda mais raro, porém; apesar d'esta incontestavel e incontestada honestidade de caracter, e bem que as manifestações da sua intelligencia vigorosa, culta e largamente desenvolvida, da sua actividade assidua e prolicua careçam d'aquelle revestimento de esterioridades brilhantes, e tantas vezes illusorias, cujo predomínio habitual é, no nosso modo de vêr, a chaga viva dos governos parlamentares, o sr. Braamcamp logrou conquistar no seio do seu partido uma posição mais que todas elevada, e nos conselhos da corôa o posto eminente que actualmente occupa.

Em curtas rasões se explica a apparente singularidade do facto.

É que o sr. Braamcamp se não pestence ao numero dos oradores que pelo prestigio da sua palavra espontaneamente eloquente, ou ainda pela sonoridade da voz e pelos artificios de uma estudada rethorica, naturalmente sollicitam a attenção das assembleas publicas, prima entre aquelles que sabem forçal-a e dominal-a pela auctoridade da pessoa e pelo valor real da oração sempre opportuna, substancial e reflectida.

Dahi a sua acção parlamentar.

É que o actual presidente do conselho, sem pertencer ao numero dos escriptores laureados nas diarias pugnas da polemica jornalística, ou na demorada elaboração de obras scientificas ou litterarias de maior tomo, ainda não firmou com a sua referenda ministerial uma só medida, com o seu nome um só escripto que não fosse documento de vigor intellectual, de firmeza de convicções, de aturado estudo e de profundo conhecimento dos negocios publicos.

Dahi os seus creditos de estadista.

Accresce que; no estado actual das sociedades modernas e de sua agremiação partidarias, os partidos avançados que na sua disciplina interna como na sua acção externa subordinam naturalmente todas as manifestações da sua actividade á discussão e á publicidade carecem de colloçar á sua frente como chefe, não um *dictador*, mas um *moderador*, não um reformador systematico e intransigente, mas o homem que sabendo ser auxiliar energico de quantas providencias e reformas acceta como justas e opportunas, possa por força do proprio tento, pelo prestigio da sua auctoridade ser obstaculo a todas as outras pela sua notória circumspeção, e prudencia, garantia dos legitimos interesses das classes e poderes conservadores contra qualquer demasia dos seus proprios correligionarios.

Para este papo e, para o exercicio d'estas côrtes e uteis funcções de chefe de um partido progressista estava de molde talhado o sr. Braamcamp. E assim o entendeu elle, endo-o o partido progressista portuguez.

— José Luciano de Castro, *ministro do reino*. — O nome do sr. Luciano de Castro é bem conhecido de quantos tem fixado a sua attenção sobre as phases e evoluções da moderna politica portugueza; nem podia deixar de sei-o, que o actual ministro do reino por sobre ser um orador politico distincto, entre os mais distinctos, sempre elevado e vigoroso, não raras vezes verdadeiramente eloquente e tribunicio, é tambem funcionario publico, juriconsulto, jornalista, publicista, e estadista, e em todos estes ramos d'actividade, mais que notavel, um dos primeiros d'esta terra.

O que vale o funcionario, (director geral dos proprios nacionaes desde 1863) dizem-o varias portaias de louvor firmadas por ministros de quem era adversario politico.

O jornalista é o fundador do *Campanha do Vouga*; o antigo redactor principal do *Nacional*, do *Jornal do Porto*, da *Gazeta do Povo e do Paiz*, collaborador do *Observador* (actualmente *Conimbricense*), collaborador effectivo do *Commercio do Porto*, e um dos redactores do *Progresso*.

Como juriconsulto, advogou desde 1858 até 1863, e, no *Direito*, antigo e acreditado jornal hebdomadario de jurisprudencia, além dos artigos relativos á secção de direito penal que ali creou e que especialmente lhe incumbem, tem escripto muitos outros sobre assumptos de jurisprudencia civil.

Entre outros trabalhos que dão ao sr. Luciano de Castro foros de publicista, merecem especial menção, um estudo economico em data de 1856 intitulado *A questão das subsistencias*, e um breve commentario (Porto — 1860) sobre a legislação reguladora da liberdade da imprensa.

O merito e actividade do sr. José Luciano como ministro (que foi das justicas desde 14 de agosto de 1869, até 19 de maio de 1870) comprovam-se com a simples



Visita de S. João de Deus

Carro da Casa Real conduzindo S. João e S. Gabriel de Deus do Porto.



Carrão de S. João de Deus



S. João de Deus no Porto de Deus

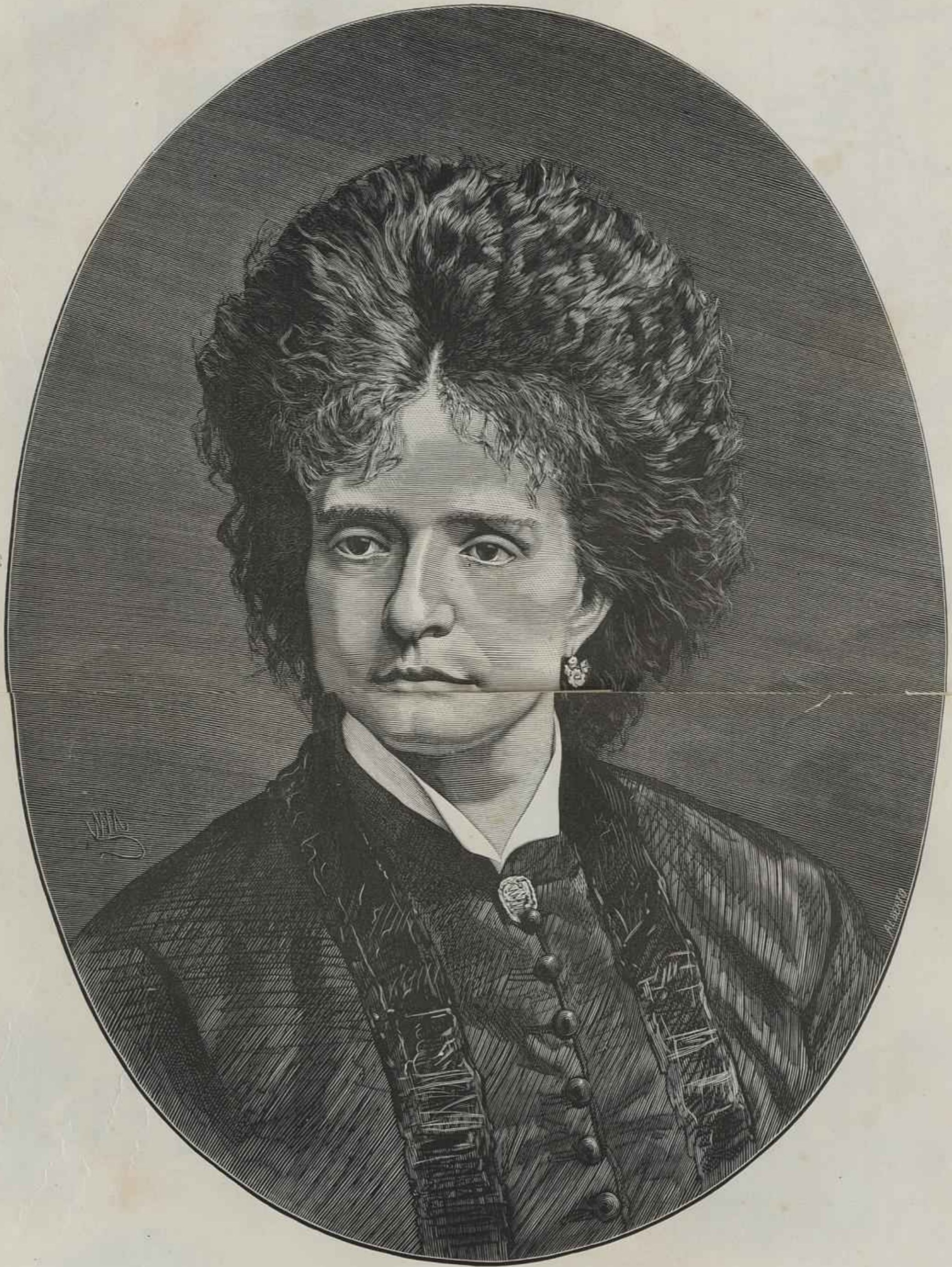


Pátio do Palácio d'Ajuda durante a Cerimónia



S. João e S. Gabriel de Deus de Deus

A CEREMONIA DA IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO, CELEBRADA NA CAPELLA DO PALACIO D'AJUDA NO DIA 1 DO CORRENTE
 (Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro)



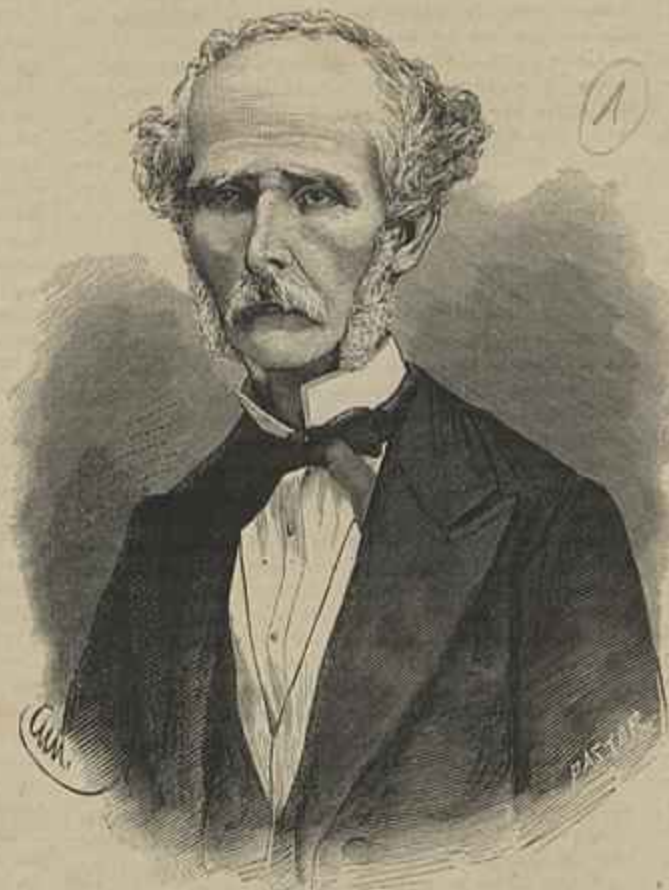
Maria Pia

S. M. A RAINHA, D. MARIA PIA

DESENHO DE M. DE MACEDO — GRAVURA DE ALBERTO

(Segundo uma photographia de M. Fritz)

NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ



ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP
(Presidente do Conselho e Ministro dos Estrangeiros)



HENRIQUE BARROS GOMES
(Ministro da Fazenda)



JOÃO CHRYSOSTOMO D'ABREU E SOUSA
(Ministro da Guerra)



AUGUSTO SARAIVA DE CARVALHO
(Ministro das Obras Publicas)



JOSÉ LUCIANO DE CASTRO
(Ministro do Reino)



ADRIANO D'ABREU CARDOSO MACHADO
(Ministro da Justiça)



MARQUEZ DE SABUGOSA
(Ministro da Marinha e Ultramar)

enumeração das propostas de lei que apresentou á camara na sessão de 14 de maio de 1870.

— Reforma penal, reforma do processo criminal, reforma das fianças nos processos de policia correccional. Extinção da relação commercial. Regulando o despacho de juizes de 1.ª e 2.ª instancia e de delegados para as ilhas adjacentes, reforma da dotação do episcopado e dos cabidos, e reforma da dotação dos governadores dos bispados vagos. O relatório geral que precede este conjunto das propostas é obra de subido merecimento.

Como homem politico, o sr. Luciano de Castro, que tem sido deputado quasi ininterrompidamente desde julho de 1854 em que pela primeira vez foi enviado á camara pelos eleitores do circulo de Fôira, soube alcançar no parlamento um dos primeiros logares entre os membros do partido progressista.

Deve attribuir-se-lhe a redacção do programma do partido progressista bem como da exposição que o precede. Cabe-lhe tambem a honra de ter redigido o projecto da reforma da carta apresentado ás côrtes em nome do partido historico.

Em poucas palavras, um homem politico de primeira plana, a quem o seu talento provado, a sua longa pratica parlamentar, o conhecimento dos homens e das cousas politicas do seu paiz destinavam naturalmente para a pasta do reino que hoje tem a seu cargo.

— Adriano de Abreu Cardoso Machado, *ministro da justiça e negocios ecclesiasticos*. — É ministro pela primeira vez. Doutor em direito pela universidade de Coimbra, intelligencia larga e largamente cultivada; especialmente sabedor em assumptos de instrucção publica e administração. Foi director geral da instrucção publica; deputado em mais de uma legislatura. Representa actualmente no parlamento um dos circulos da cidade do Porto onde goza de legitima influencia e de cujo centro progressista é presidente. Nesta qualidade é por assim dizer o sub-chefe do seu partido nas provincias do norte do paiz. É orador erudito, abundante e correcto.

— João Chrisostomo de Abreu e Sousa, *ministro da guerra*. — É general de divisão, pertence á arma de engenharia, e servia de ha muito no ministerio das obras publicas.

É militar distincto e altamente considerado no exercito pela sua larga e variada instrucção e pela nobreza de seu caracter.

Foi duas vezes ministro das obras publicas sob a presidencia do Duque de Loulé, e cabe-lhe a honra de ter decretado durante o primeiro d'estes consulfados a organização da engenharia civil e muitas outras medidas relativas a serviços do seu ministerio.

O sr. João Chrisostomo apesar da firmeza das suas convicções politicas, não tendo de ha muito logar em nenhuma das casas do parlamento, andava naturalmente afastado das lides diarias da politica militante. A sua intelligencia e aptidão para os negocios publicos conservam-se porém em todo o seu vigor. Haja vista o relatório ultimamente elaborado por « ex.º » como membro da junta consultiva de obras publicas acerca da rede de caminhos de ferro a estabelecer em Portugal, trabalho em que manifestamente se revela o grande pecculo de conhecimentos economicos, technicos e estrategicos do seu auctor.

Nas assembleas publicas o sr. João Chrisostomo discorre com facilidade e promptidão.

— Henrique de Barros Gomes, *Ministro da Fazenda*. — A vida publica do sr. Barros Gomes é ainda curta. O seu ministro da fazenda tem 36 annos, e é ministro pela primeira vez, e duas vezes foi eleito deputado.

N'esta curta carreira porem, sobram desde já as provas de verdadeiro merito, de aptidão incontestavel para o alto cargo que hoje exerce.

Curso a Escola Polytechnica de Lisboa, de 1860 a 1864, e ali obteve o primeiro premio em 5 cadeiras e qualificação para premiado em todas as outras do curso geral.

Pouco depois publicava no *Jornal de Sciencias Phisicas, Mathematicas e Naturaes* da Academia das Sciencias, uma memoria sobre uma das questões mais difficis, mais aridas e mais novas, da astronomia, a das «parallaxes syderaeas». Tal era o valor do escripto, que o seu auctor pouco depois foi eleito socio correspondente da Academia.

Os seus conhecimentos economicos e financeiros manifestam-se na grande quantidade de artigos que em relação a taes assumptos tem escripto e assignado no *Jornal do Commercio de Lisboa* e no *Commercio do Porto*, e em muitos outros trabalhos d'este genero, cabendo especial menção a um estudo sobre o Brazil, publicado desde 1870 a 1871 em uma serie de sete artigos no ultimo dos jornaes acima mencionados, ao Relatório da Associação Commercial (de que era secretario) no anno de 1878, em que se contem uma longa apreciação acerca do estado da fazenda publica, e da crise commercial de 1876; ao Relatório da Direcção do Banco de Portugal (de que era um dos directores) acerca da mesma crise, documento publicado por iniciativa da Camara dos Pares,

e á resposta da Associação Commercial de Lisboa, ao questionario formulado pela commissão encarregada da reforma monetaria nos Estados Unidos, e a um relatório acerca do estado da fazenda do municipio de Lisboa, que em 1874 redigiu sendo vereador.

Como deputado que foi nas legislaturas de 1869 a 70 e 70 a 71 pelo circulo de Santarem, o actual ministro da fazenda occupou-se sempre especialmente de assumptos financeiros. Pronunciou entre outros dois discursos notaveis acerca da contribuição predial e da reforma da contribuição pessoal. É orador fluente e correcto, nos seus discursos, como no seu caracter tão brando na forma como firme no fundo.

— Marquez de Sabugosa, *Ministro da Marinha e Ultramar*. — O ex.º marquez de Sabugosa é em todo o sentido da palavra um homem de *la vieille roche*. Descendente e representante de uma das familias mais nobres e antigas de Portugal, o seu caracter de *antiquo* quebrar que *forcer* faz lembrar um d'esses typos ideaes da velha fidalguia, os Egas Moniz, os João de Castro. A sua escrupulosa e honrada hombridade toca por vezes a meta do exagero. Dois exemplos em abono da nossa apreciação.

Em 1872 sendo o actual ministro da marinha, director da Companhia das Aguas, obteve esta a approvação do governo para um regulamento que o partido historico, em cujas fileiras militava o sr. marquez de Sabugosa, reputou vexatório e illegal e contra o qual se pronunciou na imprensa e preparou comícios.

O sr. Marquez de Sabugosa resolveu facilmente este apparente conflicto entre o seu decôro e os seus interesses, pedindo logo a exoneração do lucrativo cargo de director da companhia. Poucos procederiam assim.

Em 1878 o sr. marquez de Sabugosa, membro da commissão executiva e directora do partido progressista, achou-se em dissidência de opinião com alguns dos seus collegas, sobre os termos em que podiam ser discutidos na imprensa os actos do poder moderador.

Respeitador das alheias como das proprias convicções, o sr. marquez nem quiz servir de embaraço á acção politica do seu partido, nem abandonar o nas horas amargas da luta e da adversidade. Demittiu-se da elevada posição que adquirira entre os seus correligionarios, mas conservou-se como fiel soldado nas fileiras d'elles.

O sr. marquez de Sabugosa foi ministro do reino em 1863, sob a presidencia do sr. duque de Loulé. E par do reino, e sem ter dotes de orador sabe conquistar a attenção da camara a que pertence, pela auctoridade moral do seu caracter e pela seriedade e consciencia dos seus dizeres. Presidiu ultimamente ao comicio reunido no circo de Prico a proposito da concessão Paiva de Andrada e apresentou na camara dos pares um projecto de lei, tendente a annullar aquella concessão.

— Augusto Saraiva de Carvalho, *Ministro das Obras Publicas*. — O sr. Saraiva entrou na vida politica como deputado em 1868, e de então até hoje tem representado em quasi todas as legislaturas um dos circulos da cidade de Lisboa. Entrou em 1869 na reconstrução do ministerio Sá Vizeu. O seu primeiro consulado durou apenas nove dias.

Foi segunda vez ministro da justiça em 1870 sob a presidencia do sr. marquez d'Avila saindo d'esse ministerio com o sr. bispo de Vizeu por dissidencias que se levantaram no seio do gabinete a proposito da escolha do patriarcha de Lisboa.

Possue intelligencia larga e cultivada e infatigavel actividade.

É orador logico e energico.

M.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. AMERICO FERREIRA DOS SANTOS SILVA

O novo cardeal portuguez, cujo retrato tem hoje o logar d'honra na primeira pagina do OCCIDENTE, nasceu em Massarelos (Porto) em 16 de janeiro de 1830, e é filho do primeiro barão de Santos, negociante que foi n'aquella cidade.

Educado em Paris até á idade de 16 annos, recebeu no collegio fundado pelo portuguez Sacra-Familias em Fontenay-aux-Roses, uma finissima educação litteraria e religiosa matriculando-se ao regressar a Portugal, na faculdade de theologia na universidade de Coimbra aonde se doutorou em 1852.

Ordenado presbytero regiu a cadeira de theologia no seminario patriarchal de Santarem até ao anno de 1858, recolhendo á Sé patriarchal, da qual foi nomeado conego, em 1862.

Em 1854, havia acompanhado a Roma na qualidade de secretario o patriarcha D. Guilherme, sendo por essa occasião nomeado camareiro secreto do pontifice Pio IX.

Encarregado, de 1865 a 1868, pelo patriarcha D.

Manuel Bento Rodrigues, do governo do patriarclado, desempenhou este cargo com assignada prudencia e intelligencia extrema, sendo por fallecimento d'este prelado nomeado vigario capitular da diocese de Lisboa, cargo que exerceu até 18 de junho de 1871, anno em que foi confirmado bispo do Porto.

Finalmente a Santa Sé elevou-o á suprema dignidade do cardinalato no dia 12 de maio do anno corrente, tendo logar a cerimonia da imposição do barrete cardinalicio no Pago d'Ajuda no dia 1 de junho ultimo.

O retrato moral do respeitavel chefe da igreja portuense, do novo principe da igreja lusitana, não se faz em poucas linhas. Os deveres do sacerdocio moderno ninguem ainda os comprehendeu melhor. Allianco os preceitos austeros da lei catholica com os dictames suaves do christianismo, o novo cardeal sabe exercer os deveres do seu cargo com a integridade d'um juiz e a sollicitude d'um pae. A sua frente é radiante d'intelligencia. Advinha-se alli o profundo pensamento que por si só constituiu a gloria da dominação catholica, nos mais aureos tempos da igreja.

O moderno clero portuguez não conta de certo outra physionomia mais caracteristica e de traços mais finamente accentuados.

Fortalecido pelo estudo e pela meditação, educado nos melhores exemplos e nos melhores livros, o novo cardeal é um orador fluentissimo e um escriptor aprimorado, revelado em monumentos da mais sã doutrina que por ali correm impressos.

O chefe do estado, em attenção ás suas virtudes e aos seus talentos confiára-lhe em tempo a direcção espirital dos principes seus filhos, distinguindo-o com a grã-cruz da Conceição e propondo ao actual pontifice a sua elevação ao cardinalato usando da prerogativa que assiste á corôa portugueza de apresentar dois cardeaes, sendo um d'elles o patriarcha de Lisboa.

Eis a traços breves e rapidos o esboço biographico do sacerdote illustre que hoje toma logar na galeria do OCCIDENTE.

CEREMONIA DA IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO

A solemnidade da imposição do barrete cardinalicio conferido pela Santa Sé ao bispo do Porto D. Americo, realisou-se no Pago d'Ajuda no dia 1 do corrente com o ceremonial prescripto, segundo o programma previamente publicado no *Diario do Governo*.

O novo cardeal foi conduzido ao Pago em carruagem da casa real, acompanhado do obrigado apostolico, vindo a Portugal expressamente, seguindo-se outras carruagens com o guarda nobre de sua santidade, secretario do obrigado, secretario do cardeal, mordomo, capellão e mestre de ceremonias, fechando o cortejo um esquadrão de cavallaria.

A capella real da Ajuda achava-se muito antes da hora mareada cheia de convidados, funcionarios e outros personagens da côrte. O obrigado leu a bulla do Santo Padre em latin e fez o competente discurso na mesma lingua, respondendo-lhe em portuguez o novo cardeal. Depois procedeu-se ao acto da imposição, e a nossa viuheta do centro da 4.ª pagina representa esta solemne passagem da cerimonia, quando o novo principe da igreja, de joelhos em frente d'el-rei, recebe das mãos d'este o barrete cardinalicio.

A nossa estampa é um ligeiro esboço coihido do natural por Bortaldo Pinheiro, que de passagem foi desenhando o perfil do que no cortejo se tornava mais saliente: as-im vemos ali o perfil d'um archivo da casa real, as carruagens de gala, o typo do porteiro, etc. etc.

O YACHT MIRAMAR

No dia dois do corrente, fundeou no Tejo em frente do Arsenal da Marinha, o yacht imperial austriaco *Miramar*, conduzindo a seu bordo o principe Rodolpho, herdeiro da corôa d'Austria, e o principe Leopoldo da Baviera, que pouco depois desembarcaram no caes, aonde eram esperados por Sua Magestade o Sr. D. Luiz I, pelo ministerio, e por diversas autoridades superiores, prestando as honras devidas aos augustos viajantes, uma brigada d'infanteria do exercito. Em seguida entrando nos sumptuosos coches de gala que os aguardavam, dirigiram-se ao Pago d'Ajuda, acompanhados pela brigada de cavallaria do commando do Sr. Infante D. Augusto.

O yacht *Miramar* representado na nossa gravura, é um lindo barco de 1:800 metros cubicos d'arqueação, movido por uma machina da força de 150 cavallos, tripulado por 161 praças de marinhagem.

Na tolda, á ré do mastro grande, tem uma camara fechada, de forma rectangular, envidraçada, e coroada por uma cupula de crystal onde se abrigam variadas plantas dos climas tropicaes, como n'uma estufa dos mais opulentos jardins.

Esta camara é dividida em tres compartimentos, guardados de sofás de carvalho do norte, com estôfos côr d'havana. Do tecto pendem ricos lustres de saxe, que se reflectem nos espelhos ricamente emoldurados que ornãm as paredes. Descendo á coberta encontra-se a camara do principe imperial a bombordo, e a estibordo

a do príncipe Leopoldo da Baviera, tendo cada um d'estes alojamentos o competente quarto de vestir, casa de banho, e bibliotheca commum, tudo mobilado com luxo oriental.

O salão de jantar, tem uma meza para quarenta tahezes, e quatro aparadores sobre os quaes se ostenta a baixella imperial que é riquíssima.

Seguem-se depois os bem dispostos alojamentos dos officiaes, os da marinhagem e mais dependencias do navio.

O yacht *Miramar*, é um barco historico. Pertenceu ao desventurado príncipe Maximiliano imperador do Mexico, e tirou o seu nome da linda vivenda *Miramar* que hoje apenas tem ligada a si duas recordações trágicas. A do infeliz imperador varado pelas balas de Juárez, e da pobre princeza Carlota sepultada nas sombras profundas da loucura.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES NA FRONTEIRA

(Continuado do n.º 55)

Recrudesceram as contendas pelo tempo adiante. Dividiam-se os nobres de Castella pelos dois partidos. O Aragão tambem movia guerra a Castella. A Navarra, apoiada na França, começava a inquietar-a; a rainha D. Maria, que via os perigos que cercavam o filho, correu a Navarra e conseguiu aquietar-a. D. Jayme de Aragão tambem se achava bastante inquietado por causas internas e externas. Muitos dos seus nobres haviam passado com suas forças a servir o rei de Castella. Este, congado já com o infante D. João, o enchia e aos do seu bando de cargos e beneficios, o que escandalisava os seus parciaes que até ahí lhe haviam sido fieis. Assim afastando-se d'elle, juntavam-se aos partidarios de D. Affonso de Lacerda, primo do rei, e que pretendia a corôa. Achava-se desde as ultimas pazes com Portugal, em Castella a nossa infanta D. Constança, filha de D. Diniz, promettida esposa do rei, e ainda que então tinha quasi treze annos, os nobres apressaram a realisação do casamento que foi celebrado com toda a solemnidade nos fins do anno de 1302. O fim d'esta resolução foi interessar D. Diniz n'aquellas desordens, para o fazer intervir. Conseguiram-n'ò. Via-se o monarcha portuguez sollicitado ao mesmo tempo por seu genro rei de Castella, por D. Jayme, de Aragão, e pelo infante de Lacerda. Emfim partiu para Estremoz na primavera de 1303, d'ahi para Badajoz, onde com sua mulher D. Isabel, seu filho D. Affonso e nora D. Brites, se reuniu com sua mãe D. Brites, sua irmã D. Branca, com os reis D. Fernando e D. Constança. N'estas notaveis vistas não só se decidiu finalmente D. Diniz a auxiliar o genro com todas as suas forças terrestres e maritimas, mas deu-lhe um milhão de maravedis (de que parece ficou por caução a cidade de Badajoz) e uma taça de esmeralda avaliada em mais de onze mil cruzados, somma enorme para aquelle tempo. Esta concordia e a tregua que ao mesmo tempo estabeleceram com o rei de Aragão, foi causa de se firmarem pazes definitivas entre os tres partidos, sendo D. Diniz, escolhido para arbitro, para cujo fim partiu para o Aragão, onde se concluiu este longo pleito na cidade de Tarragona.

Em 1323, sendo fallecido o rei de Castella D. Fernando, houve discordias entre os tutores do novo rei D. Affonso. Um d'elles, o infante D. Philippe, não se conformando com as resoluções tomadas em Valladolid no anno antecedente por insinuação da rainha D. Maria, com as quaes se conformaram varias terras, e entre ellas Badajoz, veio contra esta cidade, que cercou. Dirigiram-se os moradores a D. Diniz e a seu filho D. Affonso, que tendo andado desavindos, se haviam congado por intervenção da rainha Santa Isabel, pouco havia. O infante expediu logo um enviado a D. Philippe pedindo-lhe cortezmente quizesse levantar o cerco (parece que Badajoz ainda tinha alguma dependencia com Portugal) e como elle, que era orgulhoso, respondesse um pouco aspero, D. Affonso sem mais demora partiu de Coim-

bra com os seus homens de armas, sobre D. Philippe, que não ousou esperal-o. D. Affonso veio em seguida a Elvas onde passou alguns dias, não tendo tido este successo mais consequencias.

Logo no principio do reinado de Affonso IV reberentaram, por sua causa, discordias entre elle e seu irmão Affonso Sanches, que se achava em Castella. Campos talados, aldéas saqueadas, gados aprezados, homens mortos ou prisioneiros, e uma ou outra praça tomada e arrasada, eis o fructo d'aquellas desavenças. A rainha Santa Isabel que estava no convento de S.^{ta} Clara de Coimbra affligiu-se pelos povos que soffriam tanto, e abandonando ainda mais uma vez a sua tranquillidade, conseguiu congradar os dois irmãos (1325-1326.)

Pouco depois em Castella succediam scenas semelhantes entre o rei Affonso XI e seu tio o infante D. João Manuel, o auctor do *conde Lucanor*. Desposando-se com a filha d'este, D. Constança, e fazendo assassinar D. João, senhor de Biscaia, estabelecia o moço rei uma aparente boa ordem nos seus estados. Passado pouco tempo, porém, repudiou aquella princeza, que ainda estava na puericia, desposando-se com D. Maria, filha do rei de Portugal, (setembro de 1328), casou sua irmã D. Leonor com o rei de Aragão, e contratou o casamento da infanta D. Branca de Castella com o infante D. Pedro de Portugal; D. João Manuel respondeu ao repudio com a revolta, que pouco depois se apaziguou, restituindo-lhe o rei, a filha, que retinha como presa em Toro, desde outubro de 1327.

Estes enlaços, porém, foram origem de discordias graves. D. Branca era enfezada, e denotava symptomas de consumpção; D. Maria foi esteril por algum tempo, e desgostoso por isso, e seduzido pela belleza e espirito da nora viuva D. Leonor Nunes de Gusmão, — uma das mais bellas mulheres do seu tempo e que vira pela primeira vez por 1330, — Affonso XI entregou-se de todo ao enlevo d'esta paixão criminosa, enchendo o coração de sua esposa e prima D. Maria de amarguras, e dissabores. D. Leonor deu-lhe um filho, e isso mais enlouqueceu o apaixonado mancebo. Ensoberbecida cada vez mais a formosa viuva, não poupava despresos e offensas á sua rival coroada: os negocios mais graves eram decididos no seu aposento, e muitas vezes na sua presença; chegou o rei a pensar no divoreio, mas a isso atalhou a Providencia, dando a rainha á luz um filho.

Abalavam estes successos o animo mal soffrido do nosso Affonso IV, e a incapacidade physica de D. Branca moveu-o a tomar a resolução, de fazer annular o casamento de seu filho, e de procurar nova esposa para elle, que fosse penhor provavel de boa successão. Como se sentia aggravado de seu genro, tratou de fazer o novo enlace com D. Constança, outr'ora noiva repudiada do rei de Castella. Para isso em 1334 enviou seus mandadeiros ao infante D. João Manuel, e esse contrato foi celebrado entre os dois. Fingiu o rei de Castella estimar o consorcio, mas foi intrigando para o impedir por meios capciosos. Não obstante foram os dois conjuges recebidos por procuração, e o monarcha castelhano levando o seu disfarce ao extremo, fez valiosos presentes á noiva, indo-lh'os agradecer um enviado especial; mas quando ella devia partir para Portugal, foi rétida por sua ordem.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

O ROMANCE DE UM DRAMA

A rua de S. Roque, em Lisboa, é coberta por uma atmosphera pacata e burgueza, que convida ás conversações amigas e ás intimas revelações de um enthusiasmo juvenil, prompto sempre a expandir-se febrilmente, como quem não pôde com o fardo enorme de um segredo.

E' um parenthesis ao *demi-monde* da capital, ao *tru-tru* das sedus baratas, mas egoistas e

sacrificadoras dos pequenos rendimentos burocraticos.

O *poseur* da Havaneza, mettido n'uma calça clara e envergado n'uma sobrecasaca escura, sonhador de cynismos precoces e phantasiista de scepticismos de romance, dá dois passos a diante, corta á direita, e encontra as suas crenças.

O estroina, que sonhou delirios e o grande mundo em frente da ourivesaria rica e inspiradora como um cosmorama, sobe aquelle calvario, amiuda o andar, olha o asphalto, e vê-se só com as suas realidades tristes, que não consentem extravagancias.

A viscondessa, que passou palpitando de prazeres, de sorrisos, de adouses, por entre as alas dos admiradores do Chiado, socega pouco a pouco, serena o seu nervoso, acalma o seu sangue, e ao perder o helicio das grandes gargalhadas ociosas, dá de frente com aquella sollidão ingreme, e pensa na familia, na sua roupa branca, nas letras que se vencem, nos aborrecimentos do *menage*, no enfatiamento dos longos dias calmosos, que estendem as horas, que alargam os minutos.

Chega a S. Pedro d'Alcantara.

Levanta-se o panno de fundo, e estende-se-lhe um vasto horisonte. Aparecem os passeios ruidosos e os palacios altivos; ouvem-se os gritos levantados, agudos, estridentes, e n'esse momento acodem-lhe os bailes aristocraticos, recorda o fresco ar inconveniente que lhe bafejou o seio nú e o halito quente dos admiradores sanguinios que lhe confessaram paixões eternas, como ella as lera e como nunca as sonhara.

En seguia por esta rua, muito gravemente, pausadamente, roendo um mau charuto, olhando para os estancos, para as janellas suspeitas pela sua honestidade regulamentar, para as carruagens que passavam, para as mulheres que sorriam e levantavam o vestido a uma altura conveniente, com pequenos movimentos sacridos.

Dava respostas seccas ao rapazio dos jornaes. — *Deixa-me, não quero*. Incommodava-me aquelle progresso. Aborrecia-me aquelle civilisação, que se me manifestava em mil formas caprichosas, artificiaes. Ia abortio, abstracto. E em volta de mim tumultuavam confusamente os gritos dos pregoeiros, incompreensíveis, unidos, compactos, formando um unico som.

No meio da rua, encarecendo-se a venda e regateando-se a compra, ajustava-se uma *cauteila*, comprava-se uma esperanza, adquiria-se uma hypothese de fortuna a troco de dois pintos.

E o deus acaso sorria como um fannò, satisfeito da sua adoração anonyma.

A meu lado caminhava o meu amigo M., companheiro de collegio, homem de bom mundo, um diplomata dos salões lisbonenses, um *causeur* admiravel, um *sportmann*, um galanteador moderno, manejava excellantemente a lingua e o *revolver*, e irresponsabilizando aquella com a pericia d'este.

M, ia cantarolando em italiano, enfatiado, cheio de *spleen*, comprimentando, distribuindo apertos de mão, alirando em todas as direcções o fumo do seu charuto.

Vinhámos do passeio de S. Pedro d'Alcantara. Na minha qualidade de provinciano, admirára as scenas mythologicas e sentira enthusiasmo pelas glorias patrias de marmore. Affonso d'Albuquerque, de barba grizalha, feição de quem está de mal com o rei e com os homens, de frontava uma Venus garrida, que lhe sorria com os desdens de Phryné pela sabedoria grega; Camões, em frente de uma Diana, com um olho fechado e o outro aberto, parecia um namorador vulgar do nosso tempo.

E eu vinha a pensar em tudo authomaticamente. A mythologia, o *Diario de Noticias* apregoado, o rodar das carruagens e os solos do meu companheiro, tudo isto no meu cerebro executava uma dança macabra.

Mas parei repentinamente, sacudido por uma commoção admirativa. Ferira-me na contemplação de uns olhos negros, fundos, que davam luz e vida ao mais formoso rosto de uma mulher que tenho visto.

Não farei a descripção *detalhada*, ainda que seja exigida pela arte.

Os dentes de *marfim* e os colos de *alabastro*, aticam desejos de ladroeira, e não despertam namorados. Foi assim que A. Karr desacreditou as descripções romanticas, e fóra do romantismo não se encontram palhetas para retratar mulheres bonitas. E quando ellas se copiam ao natural, apparece-nos *Gervasia* que se não pôde agrupar com *Graziella*.)

Collocae o rosto indiano sobre a estatuaria grega, dae a esse corpo a elegancia d'uma parisiense, e tendes a baroneza de *G*, a mulher que passava perseguida de exclamações.

E eu lancei tambem o meu *ah!* e a minha interjeição perdeu-se como uma nota desafinada em um côro de boas vozes.

Mas o meu amigo *M* ouviu-a, e sorriu-se.

— Conheces aquella senhora?

— Conheço. É a *Renata* parisiense, do se-

gundo imperio. Transforma S. Carlos na Grande opera, o Aterro no Bosque de Bolonha, e manda vir Emilio Zola para descrever um drama admiravel dos costumes nacionaes:

— Tem historia?

— E tragedia com epilogo.

— Contas?

— Da melhor vontade, á mesa d'um café.

Entremos no Tavares. Foi aqui que o hom Sebastião do *Primo Bazilio* fallou em coisas intimas ao philosopho Julião, o espirito forte do jacobinismo scientifico.

O café portuguez é um *club* de silencio. Não tem espirito nem enthusiasmo. A gargalhada é timida, bem composta. E o vozear confuso, em *pianno pianno*, tem de vez em quando os agudos fortes e seccos de duas bolas de mar-

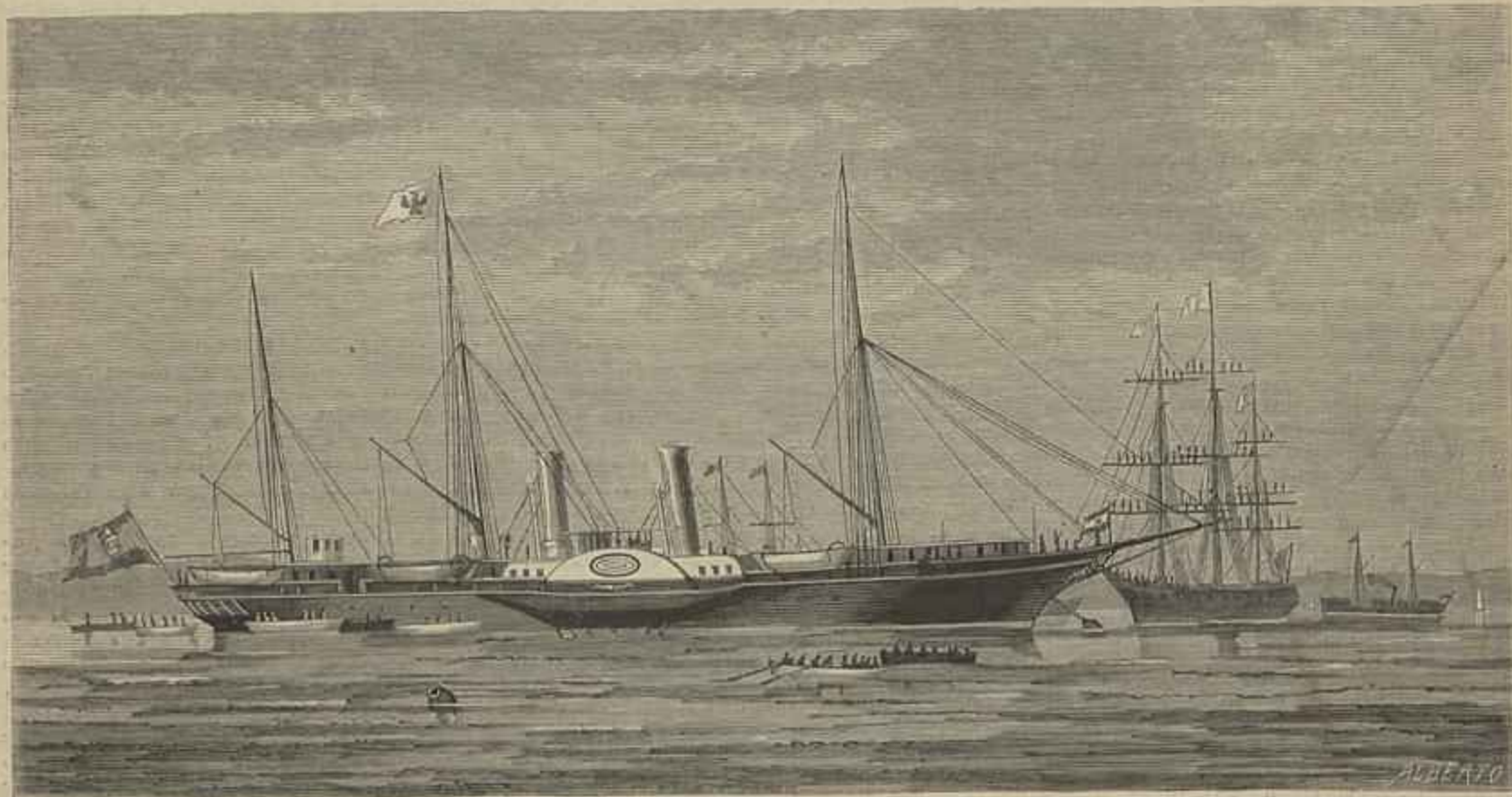
fim que se chocam pouco elasticamente na pedra de umilhar.

Este café é um corredor monastico forrado a papel e com lustre de pingentes. Ao fundo, dois serventes tendo a actividade pequena que lhes consente um repartimento de tres metros de comprido por dois de largura.

Vão e vem, olhando distraidos, despreoccupados da *toilette* e afadigados na sua exploração gallega.

Dois espelhos pelintras, de moldura dou-rada, reflectem todo o quadro.

O chapéu alto vê-se ali com toda a sua imponencia, cobrindo uns typos doentes que saboreiam um *café* a pequenos golos, alongando a *pandega*, estendendo a extravagancia, explorando bem o pataco dos seus salarios de amanuenses. E ali se agrupam as caras gordas, adiposas, moles, com os semblantes esqualidos, esguios, rectos. Os largos gestos pesados



CHEGADA AO TEJO DO YACHT MIRAMAR, CONDUZINDO S. S. A. A. OS PRINCIPES RODOLPHO D'AUSTRIA E LEOPOLDO DA BAVIERA EM 2 DO CORRENTE (Dezenho feito na occasião por J. Dantas)

do provinciano misturam-se com os pequenos movimentos do lisboeta acanhado, e tudo aquillo se move monotonamente na face polida d'um espelho.

Não ha o berro. Não apparece o murro bem socado, que faz calar um atrevimento, o insulto a uma mulher. Não se faz critica: *diz-se mal*, um officio facil, em que primam os que não têm qualidades. O bom dito, espontaneo e expansivo, substitue-se pela chalaça inconveniente e pedante. É o noticiarista commum, vulgar, que não conseguiu um curso, que não obteve uma approvação, e que se deitou á *mandria*, esperando do ceu e da secretaria do reino, confiando na Providencia e no sr. Fontes, amesenda-se n'um banco, faz roda com a sobrecasaca *chic*, expectora, e diz obscenidades vulgares, deitando para a frente umas bafordas artisticas, que saem em fio, que se alargam, perdendo-se em zig-zags ondeados, em espiral.

O hespanhol bebe o seu café a grandes golos, de pé, com gestos enthusiasmos. Aquece o peito, apura as idéas, esquenta a cabeça, e vive a sua eterna vida de loureiro, passando á capa os bois e os reis, e faz uma revolução, derriba um governo, compõe um trocadillo *canaille*, na fórma do grande epigramma. E sae embuçado no seu capote confortavel, para

uma entrevista matutina, d'um romantismo moderno cheio de utilidades hygienicas.

O nosso amanuense esgueira-se surdinamente. O noticiarista falla com aprumo das suas *revistas de theatro*. Cita trechos, onde disse que Josepha de Oliveira, um bello typo offebachiano, *era um perfeito duquezinho*, e que Virginia, um talento divino explorado por empresas que pedem commoções dramaticas ao repertorio de Ennery, *ia muito bem*.

E toda esta multidão de vida airada entra em suas casas ás 11 horas, a tritar com frio e a pensar na gloria.

(Continúa.)

SERGIO DE CASTRO.

Aviso aos srs. correspondentes e vendedores do jornal «O Occidente»

Com o n.º 36 d'este jornal é distribuido um supplemento gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes.

Tambem tem direito a este supplemento, bem como aos que a empresa por ventura ainda haja de distribuir no corrente anno, todas as pessoas que tomarem a assignatura pelo mesmo anno.

Para os compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis. O jornal só 120.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Quem muito abraça pouco abraça.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6